



As “rodas de fiar” de uma comunidade no interior da Amazônia¹

Fernanda Chocron MIRANDA²

Maria Ataíde MALCHER³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho é um breve recorte feito nos resultados obtidos em uma pesquisa de recepção com crianças realizada em 2010, para verificar quais as mediações que marcam e possivelmente delineiam os processos comunicacionais da comunidade de Santíssima Trindade, localizada na zona rural do município de Óbidos, no Oeste do Estado do Pará. A partir de um “desenho metodológico” atento às exigências do objeto de estudo e da compreensão do receptor como um agente do processo comunicacional e não como um “simples decodificador” de mensagens, constatamos que a comunidade estudada ainda tem como principais fontes de produção de sua bagagem cultural a Igreja, a Escola e Família. E mais, verificamos que mesmo não tendo acesso à energia elétrica, entre as “rodas de fiar” dos moradores dessa comunidade, estão os meios de comunicação de massa convencionais, como TV e rádio, e ainda um importante representante das novas tecnologias: o celular.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa de Recepção; Mediações; Comunidade ribeirinha; Amazônia; Brasil.

INTRODUÇÃO

“o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu”, como Geertz uma vez observou, então os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos (THOMPSON, 2009, p. 19-20).

Em tempos de novas sociabilidades e sensibilidades (BARBOSA; CASTRO, 2008) provocadas pelo surgimento e pela acelerada disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), discutir os avanços e o impacto da tecnologia no cotidiano das pessoas pode parecer um tema repetitivo e desgastado. No Brasil, porém, realidades diferentes pressupõem formas específicas de organização social, e consequentemente exigem um olhar cada vez mais ampliado dos pesquisadores para

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina no XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda selecionada para segunda turma do Programa de Pós-Graduação em “Comunicação, Cultura e Amazônia” da UFPA, que terá início em agosto de 2011. Atualmente, é pesquisadora colaboradora dos projetos “ABC Digital”, “Academia Amazônia”, “Ciência e Comunicação na Amazônia” (CIECz) e do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA. É integrante do Grupo de Pesquisa em Audiovisual e Cultura (GPAC), do CNPq. E-mail: nandachocron@gmail.com.

³ Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e coordenadora do Programa de Pós-graduação “Comunicação, Cultura e Amazônia” e dos projetos “Ciência e Comunicação na Amazônia”, “Academia Amazônia” e “ABC Digital”. Pesquisadora líder dos Grupos de Pesquisa, do CNPq, Audiovisual e Cultura (GPAC) e Preservação: Comunicação, Ciência e Meio Ambiente. Pesquisadora do Grupo Comunicação Digital e Interfaces Culturais na América Latina. É autora dos livros Teledramaturgia: agente estratégico na construção da TV aberta brasileira e A Memória da Telenovela - Legitimação e gerenciamento. E-mail: ataidemalcher@uol.com.br.



compreensão dos mais diferentes cenários que o compõem. Diferente não seria na Amazônia, região que como outras, mas de modo bastante peculiar, abriga diferentes modos de vida ainda desconhecidos para seus próprios moradores. Isso indica a complexidade de utilizarmos o conceito de diversidade como central para explicar a nossa cultura, sem conhecer realmente os diferentes papéis das mediações de múltiplos cotidianos da América Latina.

Diante de um cenário específico da região amazônica, uma comunidade ribeirinha⁴ no interior do Estado do Pará, partimos em 2010 para estudar os processos comunicacionais dos moradores da comunidade e assim verificar quais as mediações, ou melhor, as “rodas de fiar” que marcam e possivelmente delineiam a formação identitária das crianças da comunidade, tendo em vista que em pesquisa exploratória realizada um ano antes da ida a campo, foi feito um recorte estabelecendo o público ao qual a pesquisa de recepção⁵ se dedicaria.

Localizada na área de várzea⁶ da zona rural do município de Óbidos⁷, a comunidade estudada – que se chama Santíssima Trindade –, a primeira vista nos parece um local completamente isolado das “redes” (CASTELLS, 2006), mesmo para nós que moramos na região e estamos um pouco mais acostumados com as dimensões continentais de nossos estados. Essa noção de isolamento se deve ao fato não apenas da comunidade estar distante dos centros urbanos⁸, mas principalmente, pela comunidade não ter acesso à rede de fornecimento regular de energia elétrica.

Dessa forma, por meio da pesquisa de recepção verificamos de imediato que a Igreja, a Escola e Família ainda se constituem como importantes “fontes” para a “tessitura” de significados pelos moradores da comunidade. Ao lado disso, porém, mesmo se tratando de uma comunidade que não tem acesso a energia elétrica do município de Óbidos – exceto por um gerador mantido pelos próprios moradores, que

⁴ De acordo com o artigo 3º da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída pelo Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, são considerados Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

⁵ Os dados coletados durante a pesquisa serviram de base para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Estudo de recepção com crianças: a comunicação em uma comunidade de Óbidos - Pará - Amazônia - Brasil”, defendido em dezembro de 2010, na Faculdade de Comunicação da UFPA.

⁶ Áreas que permanecem alagadas durante vários meses do ano.

⁷ Sendo um dos municípios de maior extensão territorial do Estado do Pará – com 28.021,29 km² de área –, Óbidos está localizado na Mesorregião do Baixo-Amazonas e Microrregião de Óbidos e possui mais de 50 mil habitantes, sendo pouco mais da metade moradores da Zona Urbana (IBGE, acesso em 25 jan. 2011).

⁸ O município de Óbidos fica no Oeste do Pará, do outro lado do Estado em relação à capital Belém, a mais de mil quilômetros de distância. O centro urbano mais próximo é Santarém, que fica há 25 minutos de avião ou a 6 horas em média de barco.



funciona em apenas um horário no dia, e não atende a toda comunidade –, a Santíssima Trindade apresenta entre suas “roda de fiar”, os meios de comunicação, com destaque para TV, rádio e celular.

O “desenho metodológico” base para a pesquisa multimetodológica

Partindo da necessidade de enxergar a comunicação a partir da “cultura” e de “resgatar sua face humana”, conforme nos orientam Martín-Barbero (2001) e Wolton (2006), na pesquisa de campo, realizada nas duas primeiras semanas de janeiro de 2010, direcionamos nosso “olhar” para a compreensão das trocas simbólicas desenvolvidas pelos moradores e, sobretudo, pelas crianças da comunidade, a fim de verificarmos que mediações delineiam os processos comunicativos no universo pesquisado.

Para isso, foi necessário um “mergulho” – que consideramos ainda superficial, mas já muito enriquecedor – a fim de compreender algumas das especificidades e desafios que marcam o processo de investigação do campo da comunicação. Além disso, foi estabelecido um “desenho metodológico” (SCHMITZ, 2008) que nos auxiliou a coletar dados em campo e posteriormente compreender quais seriam as mediações entre as crianças da comunidade de Santíssima Trindade. Isto porque, para fazer uma pesquisa de recepção precisamos focar na compreensão da circulação das mensagens e não apenas na difusão provocada pelos meios.

Vale ressaltar que foi por meio de procedimentos metodológicos⁹ bem definidos que exercitamos com a pesquisa, o desafio desse “pesquisar sem roteiro” e da interação necessária com o objeto de estudo para obtenção de dados, sem, porém, enviesar a investigação, compreendendo, assim, algumas das bases da pesquisa por meio da cartografia.

Dessa forma, o ponto de observação e compreensão deste estudo foi o cotidiano das pessoas que, a partir de diferentes mediações, filtram o que é difundido pelos meios e por outros referenciais e aplicam ao seu dia a dia. Sendo assim, é necessário refletir que esse também é o terreno do consumo, mas do consumo que não se restringe às relações de compra e/ou gastos. Pelo contrário, caracteriza-se como espaço de produção de sentidos sempre atrelados ao repertório cultural, bem como onde se reproduzem disputas de poder e elementos de distinção social, pois, segundo García-Canclini (2008,

⁹ Entre os métodos de pesquisa adotados durante a pesquisa estão: Diário de campo, Entrevistas semi-estruturadas, Grupo Focal, Aplicação de questionários socioeconômicos e de hábitos culturais com as crianças e os moradores da comunidade



p. 70), “o valor mercantil não é alguma coisa contida naturalisticamente nos objetos, mas é resultante das interações socioculturais em que os homens os usam”.

Compreendendo essa relação, não podemos esquecer que, nas sociedades modernas, os meios de comunicação passam a protagonizar e constituir-se como os principais recursos – e por que não dizer vetores – do exercício do poder simbólico (BOURDIEU, 1989), em diferentes contextos e níveis. Pois, além de potencializarem o alcance e o acesso a essas mensagens, os meios promovem a fixação e o armazenamento dos conteúdos simbólicos transmitidos.

Por isso, para Thompson (2009), o entendimento das sociedades modernas só é possível a partir da compreensão do desenvolvimento dos meios de comunicação. Foi a partir desses avanços que a circulação de ideias, para o exercício de diferentes tipos de poder, deixou de se restringir às interações face a face, o que implicou diretamente a criação de novas maneiras de relacionamento entre os indivíduos com os outros e consigo mesmo.

As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (...) elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; (...) elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais da existência cotidiana (GIDDENS, 1990, p. 21 *apud* HALL, 2006, p. 16).

Como explica Wolton (2006), o aperfeiçoamento das técnicas de comunicação provocou uma ruptura considerável na história da humanidade, tendo em vista as transformações causadas na forma de troca e relação entre as pessoas.

O desenvolvimento dos meios de comunicação alterou a compreensão dos indivíduos sobre o passado e o mundo que está além de seus locais de vida imediatos. Por isso, o nosso estudo se propôs a empreender uma breve análise sobre como essas “novas” formas de entender/conhecer o mundo se dão no universo pesquisado – uma comunidade ribeirinha do interior da Amazônia. Isso porque, não poderíamos “pensar nos meios sem relacioná-los aos contextos sociais práticos nos quais os indivíduos produzem e recebem as formas simbólicas mediadas”, ou seja, compreendendo o “caráter mundano da atividade receptiva” (THOMPSON, 2009, p. 41).

Para isso, porém, antes de apresentar um breve recorte dos resultados obtidos com a pesquisa de recepção, destacamos Martín-Barbero (2001) que discorre sobre o papel dos bairros das grandes cidades, tendo em vista as transformações provocadas na vida das pessoas a partir do momento em que passam a viver em sociedade, com o advento

da modernidade. A partir das palavras do autor é possível inclusive percebermos características próprias da vida na comunidade estudada.

Claro que a vida da cidade dissolve boa parte das solidariedades e dos modos de viver das pessoas que chegam da província, mas essas solidariedades e esses modos de viver “instituem e canalizam os laços sociais no novo ambiente, tornando-se os centros de novas formas de solidariedade. Um campo fundamental para a gestação dessas novas formas é precisamente o bairro. (...). O bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um *a gente*, ou seja, de uma sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares, e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 283-286).

A “vida” na Santíssima Trindade

A partir do questionário de hábitos culturais aplicado com as crianças da comunidade, constamos o perfil das atividades nas quais estas costumam se envolver no período em que não estão na escola.

Tabela 1 – O que as crianças costumam fazer nas horas vagas (Respostas Múltiplas)¹⁰

Discriminação	Nº de Respondentes (n)	Faixa Etária (anos)		Total (n= 18)
		6 a 8 (n= 10)	10 e 11 (n= 8)	
Brinca	18	100,0%	100,0%	100,0%
Participa de atividades da comunidade	16	80,0%	100,0%	88,9%
Conversa/ bate papo	16	80,0%	100,0%	88,9%
Vai à igreja	16	90,0%	87,5%	88,9%
Canta	10	60,0%	50,0%	55,6%
Dança	7	40,0%	37,5%	38,9%
Atividades artísticas	5	30,0%	25,0%	27,8%
Viaja	8	60,0%	25,0%	44,4%
Fica em casa	18	100,0%	100,0%	100,0%
Ouve Rádio	16	90,0%	87,5%	88,9%
Assiste Televisão	16	80,0%	100,0%	88,9%
Lê jornais/ Revistas/ Livros	17	100,0%	87,5%	94,4%

De acordo com a tabela, 100% das crianças que responderam o questionário permanecem em casa geralmente em companhia dos pais. Dos 18 respondentes, 44,4% declararam que no período em que estão em casa, eles ajudam no trabalho doméstico (limpeza, arrumação, comida, etc.). Brincar aparece como a segunda atividade que mais envolve as crianças respondentes, comum a 38,9% da amostra. Em seguida aparecem conversar/bater-papo (33,3%); e com o mesmo percentual (11,1%), fazer exercícios da escola e ajudar no trabalho dos pais (atividades ligadas à prática da pesca).

¹⁰ Leia-se, perguntas com a possibilidade de múltiplas respostas.



É interessante observar que a colaboração prestada nas tarefas da casa e nas atividades dos pais, é considerada um tipo de “trabalho” pelas 16 crianças que declaram ocupar seu tempo com essas ações. Isso porque, no momento em que foi perguntado aos alunos se costumavam trabalhar – e que 50% deles responderam “trabalhar” –, e qual (is) era (m) a (s) atividade (s) que eles realizavam, aparece na resposta de 55,6% dos respondentes a execução de tarefas da casa e em 44,4% a colaboração no trabalho dos pais. Interessante observar, segundo nossa percepção, que a atividade que mais se caracterizaria como “trabalho”, “trabalhar na terra” (capinando), foi indicada por 22% das crianças, todas da faixa de 06 a 08 anos de idade. Um dado curioso se pensarmos nas condições de vida no meio rural, caracterizado em geral pelo uso da força de trabalho das crianças, mesmo que atualmente seja uma realidade constantemente discutida, já que muitas atividades que “para os de fora” possa parecer exploração do trabalho infantil se constituem como formas cotidianas de transmissão de conhecimento, ou mesmo como lazer.

Por meio da tabela podemos observar ainda que o cotidiano das crianças também é marcado pelo contato com os meios de comunicação de massa (Rádio e TV), que aparecem como a terceira atividade mais comum entre as crianças, atrás apenas da prática da leitura que ocupa o tempo de 94,4% dos respondentes, sendo os livros didáticos o conteúdo mais lido (76,5%). Ao lado de assistir TV e ouvir rádio, também aparecem “ir a igreja” e “participar de atividades da comunidade”, com 88,9% cada. Dessa maneira, podemos observar que além das atividades da escola, os alunos têm seu dia a dia marcado por atividades com a família, ligadas à igreja e, diferentemente do que supúnhamos, atreladas aos meios de comunicação.

As “rodas de fiar” da comunidade

Após uma breve caracterização da rotina do universo pesquisado, iniciamos aqui a análise das quatro principais mediações que possivelmente marcam os processos comunicacionais das crianças da comunidade, com destaque para a relação da amostra com os meios de comunicação de massa e com o aparelho celular.

Conforme verificado, na maior parte do tempo em que os alunos não estão na escola, eles se ocupam de atividades em casa geralmente ligadas ao dia a dia dos pais e outros familiares.

Dessa forma, para compreendermos a família como uma das mediações das crianças, é preciso ter em mente para o que Martín-Barbero (2001) chama atenção ao



afirmar que “o espaço doméstico não se restringe às tarefas da reprodução da força de trabalho” e sim se apresenta como um dos espaços de mediação que baseiam as apropriações e usos sociais da comunicação, inclusive, no nível do consumo, como coloca García-Canclini (2008). Os meios são recepcionados dentro da “cotidianidade familiar”, onde se estabelece o que Vassallo, Borelli, Resende (2002) chamam de “pacto de recepção”, que é implicitamente construído entre os membros de uma família, que compartilham um “repertório” comum.

é dentro dela [família] que se assiste à formação das identidades culturais básicas que vão constituir as principais mediações dentro da família. (...) a leitura que a família faz (...) é uma experiência cultural ativa e complexa, sujeita a uma série de *disposições culturais habilitadas*, produto tanto do *habitus*¹¹ de cada família quanto das trajetórias específicas de seus membros (VASSALLO; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 137-141).

Dessa maneira, para as crianças da comunidade que passam a maior parte do tempo em casa, no convívio com os pais, podemos encarar a família como uma forte mediação. Assim, como a família, a Igreja também está bastante presente na vida das crianças. Por meio dos questionários de hábitos culturais, verificamos que entre as atividades que mais envolvem as crianças, depois de brincar, está a “ida à igreja”.

Quando questionados em relação à participação em atividades da comunidade, dos 18 respondentes, 16 declararam-na como tipo de ocupação nas horas vagas. E entre as atividades com maior incidência na resposta das crianças, aparece com 87,5% a Festa da Padroeira da Comunidade, e em segundo lugar, as celebrações religiosas, com 50%. É interessante destacar, ainda, que entre as crianças de 6 a 8 anos, a participação na festa da Santíssima Trindade chega a 100%.

Outro aspecto interessante a ser observado e que já nos direciona para a compreensão do ambiente escolar também como forte mediação das crianças da comunidade, é que durante todas as atividades na escola da comunidade¹², sobretudo, antes do início das aulas e de refeições, os alunos, por orientação das professoras, fazem uma oração (falada ou cantada). Atribuem-se esses hábitos ao fato de todas as professoras da escola terem declarado serem católicas e frequentarem a igreja periodicamente. Além disso, uma delas, a professora 03, é a “catequista”¹³ da comunidade, ministrando aula para os próprios alunos da escola.

¹¹ Ao fazer referência ao conceito de Bourdieu, as autoras classificam o *habitus* familiar como “uma série de disposições culturais internalizadas ao longo do tempo que permitem *gostar da e entender a telenovela*” (VASSALLO; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 144).

¹² Escola Municipal de Ensino Fundamental Cassilda Helena Rodrigues.

¹³ Quem catequiza.

A partir de uma breve reflexão ainda a respeito do modo de “organização” da comunidade, podemos perceber como indiretamente a própria disposição dos elementos físicos no centro da Santíssima Trindade, a igreja, a escola e o centro social da comunidade (barracão), coloca em destaque o que no início desta análise denominamos de “rodas de fiar” de significados, conforme propõe Thompson (2009).

A partir do depoimento das professoras fica claro o papel desempenhado pela escola da comunidade e os estudos como uma “forma de crescer na vida” (PROFESSORA 3, Série de Depoimentos, 2010, p. 2).

Retomando o que foi dito pela professora 01, ao se referir à importância da participação da família na vida escolar de seu filho, fica evidente a posição da escola como um espaço de formação das crianças, não apenas do ponto de vista da aquisição do conhecimento formal, mas como possível “formadora” de cidadãos. Daí a necessidade de durante as atividades da escola, reforçar valores religiosos, familiares, amizade e respeito com os colegas e professoras etc.

Para considerar que os meios de comunicação de massa dividem espaço na comunidade com as mediações anteriormente observadas, é importante, em um primeiro momento, apresentar dados que demonstrem a presença da mídia no cotidiano das crianças, e dos moradores de um modo geral, pois como já explicitado, a assistência à TV e ao rádio constitui-se como experiência diária e compartilhada na família.

Tabela 2 – Com que frequência as crianças costumam assistir à Televisão

Discriminação	Faixa Etária (anos)		Total (n = 16)
	6 a 8	10 e 11	
Todo dia	62,5%	62,5%	62,5%
1 vez por semana	12,5%	-	6,3%
2 vezes por semana	-	12,5%	6,3%
3 vezes por semana	25,0%	12,5%	18,8%
1 vez por mês	-	12,5%	6,3%

Tabela 3 – Com que frequência as crianças costumam ouvir Rádio

Discriminação	Faixa Etária (anos)		Total (n = 16)
	6 a 8	10 e 11	
Todo dia	55,6%	71,4%	62,5%
2 vezes por semana	-	14,3%	6,3%
3 vezes por semana	44,4%	14,3%	31,3%

Ainda caracterizando a presença dos meios na comunidade, verificamos que entre os programas que as crianças costumam assistir na televisão estão desenhos animados, comum a 93,8% dos respondentes; filmes (81,3%) e telenovela, telejornal e programas

de auditório (com 75% cada). É interessante observar que tanto entre as crianças na faixa de idade de 6 a 8 anos, como de 10 e 11, a assistência às novelas e ao jornal atinge a mesma porcentagem. Isso pode ser atribuído ao fato de essas atividades ocorrerem em companhia dos pais, tendo em vista que, novela e jornal são os programas assistidos por 100% da amostra de adultos que respondeu ao questionário socioeconômico.

Tabela 4 – Programas de Televisão a que as crianças costumam assistir (Respostas Múltiplas)

Discriminação	Faixa Etária (anos)		Total (n = 16)
	6 a 8	10 e 11	
Desenho animado	100,0%	87,5%	93,8%
Telejornal	75,0%	75,0%	75,0%
Telenovela	75,0%	75,0%	75,0%
Programas de Auditório	75,0%	75,0%	75,0%
Filme	100,0%	62,5%	81,3%

Ao recorrermos novamente a Tabela 4, podemos verificar que o momento em que os alunos assistem a desenho animado e filme, comum a 100% das crianças de 6 a 8 anos, pode se caracterizar como experiência individualizada, tendo em vista que em nenhum momento os pais fizeram referência a esse tipo de programação. Além disso, sobre esse mesmo fato, cabe destacar que muitas das crianças que sinalizaram assistir a desenho e filme, e essas parecem-nos experiências individuais, assistem a TV a partir do uso da bateria de carro, pois em suas casas ainda não “chega” a energia do gerador da comunidade. Portanto, caracteriza-se como um consumo “particular” de energia, no interior das famílias, permitindo que as crianças, ainda durante o dia, ocupem-se vendo televisão e/ou ouvindo rádio em casa. É importante destacar ainda que pelos dados obtidos nos questionários aplicados aos pais das crianças, os programas televisivos a que costumam assistir são veiculados no horário de funcionamento do gerador da comunidade. Assim, diferentemente das crianças que assistem à TV com o uso da bateria de carro, a maioria dos pais tem o acesso aos conteúdos “regido” pelo funcionamento do gerador, ou vice-versa.

TV como fonte de informação

Entre os momentos que consideramos mais marcantes da pesquisa de campo desenvolvida, está a conversa informal que tivemos com uma moradora da comunidade, mãe de um aluno do 2º ano do Ensino Fundamental Menor/9 anos, no momento da visita às casas das crianças. Ao chegarmos à residência, composta por apenas dois cômodos (um conjugado de quarto e sala e, no fundo, um espaço menor, onde é a

cozinha), vimos que seu filho – que havia acabado de chegar da escola, tendo em vista que no dia da visita fomos nós os responsáveis pelo “retorno” dos alunos para casa – e as irmãs, assistiam à televisão a partir da energia gerada pela bateria de carro. Ao pedirmos autorização para entrar na casa e conhecer um pouco sobre o modo de vida daquele aluno, a mãe nos recebeu, permitiu que tirássemos foto e filmássemos e, ao final, comentou que apesar de simples, “é desse jeito [fazendo referência ao uso da TV] e aqui que o meu filho se mantém informado” (MIRANDA, 2010, p. 23).



Figura 1 - Cenário da "Informação"

Ainda sobre o uso da televisão, entre os canais assistidos pelas crianças, aparecem com enorme diferença de preferência, a Rede Globo – 93,8% das crianças – e SBT – 87,5% dos respondentes. Em terceiro lugar aparece a TV Record, assistida, por apenas 25% das crianças.

No que concerne ao rádio, os conteúdos mais ouvidos pelas crianças, geralmente na companhia dos pais e de outros familiares, são programas de música (87,5%) e de notícias (37,5%). Com 18,8% aparecem ainda programas de notícias locais, tais como o Programa da Cooperativa dos Pescadores de Óbidos ou “Programa do Bené”, veiculado na Rádio Sant’Ana FM¹⁴.

Ao longo da pesquisa, foi interessante observar o lugar de “destaque” dos meios de comunicação nas casas dos moradores:

¹⁴ Emissora de rádio do município de Óbidos.



Figura 2 – Exemplo 1 da presença dos meios nas casas da comunidade



Figura 3 – Exemplo 2 da presença dos meios nas casas da comunidade



Figura 4 – Exemplo 3 da presença dos meios nas casas da comunidade

E ainda da presença “exclusiva” dos meios no interior das residências:



Figuras 5 e 6 – TV e Rádio: exemplos de exclusividade nas casas da comunidade



“Repercussão” na escola

Como televisão e rádio estão inseridos no cotidiano dos moradores, as produções e o consumo de significados que se dão através das mensagens difundidas por esses meios passam a “circular” e fazer parte de diferentes esferas da comunidade, nas quais as crianças estão envolvidas. A principal, não poderia ser diferente, é a escola.

De acordo com uma das professoras da escola, o contato que as crianças têm com as mídias em casa repercute diretamente na sala de aula:

Eu pedi um dia pra eles contarem, cada um contar uma história (...) podia ser eles inventarem ou podia que eles já conhecem. Então, teve alunos que contaram é sobre desenhos na televisão (...). Dessa forma, eu acho que já essa coisa sobre a televisão já está repercutindo na sala de aula né? Inclusive, no planejamento muitas pessoas recomendam, quando a gente chega aqui em sala de aula, “professora tal coisa aconteceu na novela”, “professora passou isso no filme”. Então, eles recomendaram [SEMED] (...) que a gente ouça, pelo menos tire meia hora pra ouvir, isso sobre eles. (...) a voz deles tá reproduzindo aquilo que eles assistiram. É muito bom, porque eles vão tendo contato, vão perdendo o medo de falar. Então, dessa forma, eu acho que repercute em sala de aula porque todo dia se a gente (...) deixar assim aquilo liberado, eles vão até o final da aula contando tudo que eles assistiram, principalmente, se tem uma novidade na televisão. (...) “professora o toque do celular da mamãe é assim”. (...) eles sabem muita coisa. Apesar da gente tá aqui (...) no meio rural, que muitas pessoas dizem que a gente não tem acesso, mas em casa eles têm muito acesso a isso. (...) na maioria dessas coisas a televisão é a bateria, então quando acaba a carga da bateria eles, aquele que não assistiu aí ele já quer contar pro outro que assistiu aí é assim sabe, dessa forma está repercutindo em sala de aula né? (...) Nossa, (...) praticamente aqui todo mundo tem celular em casa. Então, eles já vão tendo aquele contato sabe com aquilo. (...) se a gente for, é trazer pra escola, (...) nem vai ser tanta novidade, principalmente essas duas mídias (PROFESSORA 1, Série de Depoimentos, 2010, p. 10).

Esse “impacto”, sobretudo, da televisão e do celular no cotidiano das crianças também foi percebido por nós durante toda a pesquisa de campo, em que ouvíamos os alunos durante diversas atividades comentarem algum conteúdo a que assistiram na TV ou se utilizarem durante as brincadeiras com os colegas de “bordões” e falas específicas de personagens de novela ou de programas como “Zorra Total”, da Rede Globo.

Apesar de considerar a importância do uso das mídias na sala de aula, a professora 1 afirma que a escola não dispõe de aparelhos eletrônicos (TV, Rádio, DVD, computador, etc.) e explica que mesmo se tivesse, seria complicado usá-los, pois a comunidade não tem energia durante parte do dia.

Eles seriam muito úteis, só que não tem condições. Até mesmo porque a gente não tem aquela energia direta, né? Quando for usar alguma coisa a gente precisa comprar o diesel. Então, às vezes, a escola não tem condições. (...) agora jornais e revistas a gente sempre trabalhou, principalmente, com relação a recortes. Quando a gente tá trabalhando uma dificuldade ortográfica a gente pede pra recortar certas palavras, paisagens, alguma coisa (PROFESSORA 1, Série de Depoimentos, 2010, p. 08-09).



Como verificado anteriormente, outro meio de comunicação bastante difundido na comunidade pesquisada é o celular. Como forma de demonstrar ainda o uso dessas mídias e, conseqüentemente, algumas formas de apropriação dos moradores, destacamos um exemplo de uso relatado pela professora 1:

Ano passado, que eu tava trabalhando com Educação Infantil e (...) tinha que trabalhar os sons (...) eu passava o som através do celular pra eles (...) porque não tinha né?. Não tinha condições, porque pra gente manter assim um *microsystem* a pilha é muito gasto. Aí a gente não tem condições (PROFESSORA 1, Série de Depoimentos, 2010, p. 09).

Consolidando aqui mais um ponto de reflexão sobre o modo de vida dos moradores, é importante observar algumas das mudanças percebidas e que nos foram relatadas durante a pesquisa de campo, sobre o uso de aparelhos celulares. Resgatando dados obtidos por meio de aplicação de questionário socioeconômico e durante entrevistas semiestruturadas com as professoras da escola da comunidade, verificamos a alteração nos processos comunicativos entre os membros da comunidade.

Por exemplo, no momento do contato com a professora 3, responsável pela escola Cassilda Helena, em que foi solicitado que agendasse com os pais e responsáveis pelos alunos uma reunião para que apresentássemos a proposta da pesquisa e formalizássemos o início das atividades na escola, verificamos que a “mobilização” das 37 das famílias presentes no barracão, que antes era agendada mediante deslocamento até a casa do morador para avisar do encontro, como contato face a face, agora pode ser viabilizado por meio do telefone celular.

Outro exemplo que marca o uso da tecnologia pelos membros da comunidade foi o caso de uma aula em que a professora 1, para realizar determinada atividade, precisava colocar as crianças para ouvirem uma música. Como a escola não tem nenhum aparelho eletrônico e nem acesso a energia elétrica, a professora nos relatou ter feito a opção por colocar a música em seu próprio aparelho celular e, a partir dele, fazer a atividade.

Levando em consideração esse uso, é interessante retomar o comentário de Wolton (2006) sobre o telefone celular que, para ele, “mais que o computador ou a Internet”, é ele que simboliza a

revolução da comunicação em que o outro sempre está presente (...). “Esse sucesso inédito, imprevisível em 1990 e hoje mundial, com mais de 1,7 bilhões de telefones celulares, lembra que o principal da comunicação é a troca individual (...). Aliás, a primeira pergunta que fazemos ao receber uma chamada é: “Onde você está?”(...)

como se precisássemos aí reintegrar as dimensões do tempo e do espaço (WOLTON, 2006, p. 14-15)¹⁵.

A mídia como novas “rodas de fiar”?

A partir dos dados apresentados não há como negar que os meios de comunicação constituem-se na Santíssima Trindade como uma importante fonte para as trocas simbólicas produzidas e consumidas pelas crianças. Como elucidado ao longo deste artigo, os meios fazem parte das atividades diárias dos moradores da comunidade estudada. Mais que isso, conforme observado a partir da fala das professoras e dos pais das crianças, constituem-se fontes de informação por meio das quais os alunos se apropriam e fazem as mensagens “circularem” no âmbito da comunidade, passando a ditar a lógica, inclusive, em outros espaços, tais como a escola.

No que concerne à mediação dos meios de comunicação, trazemos novamente Martín-Barbero (2001) que chama a atenção para a capacidade que os meios, em especial o rádio, tem “para *mediar o popular* tanto técnica quanto discursivamente”. Isso porque, “a oralidade não é mera ressaca do analfabetismo, nem o sentimento é subproduto da vida para os pobres”. Pelo contrário, é com o rádio, segundo o autor, que “se está preenchendo o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais na construção de sentido”, aqui fazendo referência a mediações como a Igreja, a Escola e a Família.

Fazendo, porém, uma breve reflexão sobre o “vazio” mencionado por Martín-Barbero (2001) foi possível verificar que na comunidade as “rodas de fiar” tradicionais – Família, Igreja, Escola – ainda se mantêm como importantes fontes de sentidos e valores, mesmo com a presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano dos moradores. Sendo assim, constatamos que os meios de comunicação nesse contexto não têm o papel de “sanar” a tal perda descrita pelo autor, já que coexistem com mesmo grau de importância com as demais mediações que marcam a comunicação na Santíssima Trindade. Ou seja, a inserção da mídia no universo pesquisado não se deu a partir da “fratura” com as demais mediações – “aparelhos tradicionais” –, provocada pelo advento da modernidade e que marca a vida nos grandes centros urbanos.

Ao contrário, a televisão, o rádio e o celular, em vez de preencher o vazio deixado pela perda dos espaços de mediações, atuam na “redução” do distanciamento e relativo isolamento que, naturalmente, por questões de geografia, marcam a vida das comunidades ribeirinhas da Amazônia. Assim, por se caracterizarem e apresentarem, no cerne, elementos que os tornam parte do dia a dia das pessoas, os meios de comunicação

¹⁵ Dados atuais indicam que no Brasil existem hoje mais de 194 milhões de celulares habilitados (ABRIL, 2010, p. 79).



na comunidade promovem a “união” de partes não fraturadas por perdas de mediações, mas distantes geograficamente uma das outras devido ao modo de vida dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país que possui metrópoles que já se distanciaram por completo do modo de vida baseado nos “redutos de ideologia” –, Igreja, Escola e Família –, é no mínimo surpreendente verificar que ainda existem comunidades como a Santíssima Trindade, que dialogam com essa sociedade globalizada, por terem acesso aos meios de comunicação de massa (TV e rádio) e às chamadas novas tecnologias por meio do celular, entretanto, ainda mantêm na base os espaços tradicionais de mediação.

Dessa forma, ao tomarmos conhecimento desse tipo de situação, é comum que nos surpreendamos e reafirmemos o quão diverso é o nosso país. Contudo, não podemos perder de vista que muito da pluralidade e diversidade desse país, sobretudo, se analisarmos em nível regional, é resultado das desigualdades sociais.

Por isso, mais do que continuarmos encarando a mídia, sobretudo, a televisão como a “corruptora das tradições familiares”, precisamos compreender que são os meios de comunicação que, mesmo em espaços que mantêm uma vida comunal, também “sugerem” – para não dizer “ditam”, evitando possíveis problemas de sentido – as regras da produção e consumo de bens simbólicos.

Apenas assim, contribuiremos para uma possível mudança, mesmo que ainda em microcontextos, como o das professoras-guerreiras da Santíssima Trindade que, diante dos problemas, dão o melhor na tentativa de garantir uma formação, acima de tudo, cidadã para seus alunos. Além disso, não reduziremos o “tamanho” de nossa diversidade cultural, já que mais plural do que as desigualdades que ajudam a construí-la, é a criatividade das soluções com que os brasileiros “desconstroem” os problemas do dia a dia.

Faz-se necessário ainda que sigamos nos surpreendendo ao conhecermos realidades como a que foi brevemente apresentada neste trabalho, a fim de não reafirmarmos o quão plural é o Brasil, sem percebermos que muito dessa diversidade é resultado das desigualdades sociais, mas também de formas particulares de apropriações e criações de outras formas de conhecimento e de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRIL. Números. **Veja**. ed. 2192, ano 43, n° 47. 24 de novembro de 2010, p. 79.



BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. Mídias digitais: um espaço a ser construído. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos.** – 1 ed. – São Paulo: Paulinas, 2008. p. 81-103 – (Coleção comunicação & cultura)

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo. Paz e Terra, 1999. v. 1, p. 21-47.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 7. ed. Tradução: Maurício Santana Dias.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 25 jan. 2011.

IBGE. Município de Óbidos. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 17 out. 2010.

MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Prefácio Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Diário de Campo.** Pará - Óbidos, 2010.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento;** tradução Eloá Jacobina. – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PICANÇO DINIZ, Cristovam Wanderley. **Assimetrias da educação superior brasileira: vários brasis e suas conseqüências.** Cristovam Wanderley Picanço Diniz, Renato Borges Guerra. – Belém, PA: EDUFPA, 2000.

SHMITZ, Daniela M. A construção de estratégias multimetodológica para pesquisar a recepção de moda em revista. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa.** João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 83-102.

SITE OFICIAL MUNICÍPIO DE ÓBIDOS. Disponível em: <<http://www.obidos.pa.gov.br/portal1>>. Acesso em 17 out. 2010.

THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petropolis, RJ: Vozes, 2009. 11 ed. Tradução : Wagner de Oliveira Brandão ; revisão da tradução : Leornado Avritzer.

VASSALLO, Maria Immacolata; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo : Sumus, 2002.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Comunicação).

- Depoimentos

PROFESSORA 01; PROFESSORA 02; PROFESSORA 03. **Série de Depoimentos.** Entrevistadora: Fernanda Chocron Miranda. Óbidos, PA, 2010. Entrevista concedida para pesquisa de recepção com crianças da comunidade de Santíssima Trindade.